QUAL É O FUTURO DAS PASTAGENS NO BRASIL?

PATRICIA MENEZES SANTOS[1], SÉRGIO RAPOSO DE MEDEIROS[2], BRUNO CARNEIRO E PEDREIRA[3], GIAMPAOLO QUEIROZ PELLEGRINO[4], LUÍS GUSTAVO BARIONI[5]

Nos últimos anos, a produção animal no Brasil e no mundo tem sido apontada como responsável por vários problemas, incluindo o desmatamento e a emissão de gases do efeito estufa. Mas será que estamos analisando corretamente essa questão? Qual deve ser o futuro das pastagens no Brasil? As pastagens poderiam contribuir com soluções para um sistema agroalimentar mais sustentável.

A REDUÇÃO do consumo de produtos de origem animal é defendida como solução para problemas globais, mas, talvez, não o seja. Segundo estudos da Universidade de Wageningen, nos Países Baixos, do ponto de vista da produtividade da terra, a porcentagem ideal de proteína animal nas dietas varia de 12% a 45%. Isso depende do tamanho da população e da porcentagem de áreas inaptas para agricultura. Com a pecuária, subprodutos da agricultura e da agroindústria que seriam descartados são convertidos em proteína para alimentação humana.

Para alimentar grandes populações, precisam ser utilizadas áreas de baixa aptidão agrícola. Nesses locais, a pecuária permite que alimentos de elevado valor biológico sejam produzidos onde o cultivo de alimentos vegetais é inviável por limitações do clima ou do solo.

Esses benefícios estão refletidos em cerca de 3 bilhões de hectares ocupados pelas pastagens no mundo. As forragens representam a fonte predominante de alimento para os animais em pastejo e fornecem produtos para a alimentação humana, bem como subprodutos utilizados para várias finalidades. Indo além, a pecuária contribui para o desenvolvimento humano e a resiliência das populações. Em regiões onde condições do clima, do solo ou de infraestrutura limitam o desenvolvimento de outras atividades, a produção animal em pastagens é uma importante alternativa de uso econômico da terra.

Dados do Censo Agropecuário de 2017, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram em torno de 40% do rebanho bovino brasileiro em propriedades com menos de 200 hectares. Nesse ambiente, a pecuária auxilia na fixação dos homens no campo, principalmente pequenos produtores, oferecendo alimento para consumo próprio, mitigando o risco do negócio e auxiliando no equilíbrio do seu fluxo de caixa graças à comercialização de produtos ao longo de todo o ano. Mais do que isso, o gado é um ativo de alta liquidez, representando um eficaz substituto para quem não tem acesso ao serviço financeiro.

BENEFÍCIOS DA INTENSIFICAÇÃO SUSTENTÁVEL

Por outro lado, a produção animal a pasto de forma desordenada e com adoção de práticas incorretas causa problemas ambientais e deve ser combatida. A partir da década de 1990, o rebanho nos estados amazônicos mais do que dobrou, e houve, concomitantemente, um grande aumento no desmatamento, cujo pico ocorreu em 2004, com 27,7 mil km^2.

A partir de então até 2012, apesar de o rebanho continuar crescendo – na média anual de 1 milhão de cabeças –, o desmatamento caiu de maneira contínua até o mínimo de 4,6 mil km^2 no ciclo 2011/12 (agosto a julho). Esse desacoplamento entre o aumento da atividade

SERVIÇOS ECOSSISTÊMICOS (SE) PRESTADOS PELA PECUÁRIA

- Provisionamento, como produção de carne, leite, couro etc., mesmo em áreas de baixa aptidão agrícola;
- Regulação, em pastos bem manejados, com sequestro de carbono no solo, infiltração de água, proteção do terreno etc.;
- Suporte na produção de forragem, ciclagem de nutrientes etc.;
- Cultural, como recreação ao ar livre e manutenção de estilos de vida tradicionais;
- Preservação da vegetação nativa e da biodiversidade em biomas com pastagens naturais mais vulneráveis, como Pantanal e Caatinga.

pecuária e o desmatamento deveu-se ao aumento no potencial de produção de forragem, à capacidade de suporte dos pastos e ao ganho de peso dos animais. Esse fato demonstra o potencial da intensificação sustentável ao combinar uma maior produção de alimentos e um menor impacto ambiental.

Longe de intrinsecamente recriminâveis no contexto de mudança do clima e uso da terra, as pastagens podem contribuir para a geração de um sistema agroalimentar mais sustentável. Para isso, é preciso diagnosticar melhor os problemas e as demandas, tanto locais, quanto regionais e nacionais, e desenvolver soluções adequadas para cada condição. O investimento em pesquisa e desenvolvimento e as estratégias para estimular a adoção de tecnologias sustentáveis no campo serão fundamentais nesse processo.

Além das linhas de pesquisa tradicionais, o melhoramento genético e a biotecnologia podem contribuir para o desenvolvimento de novas cultivares forrageiras para condições específicas. Tecnologias para associação de plantas e micro-organismos podem ser desenvolvidas com foco em:

- fixação biológica de nitrogênio;
- aproveitamento de nutrientes do solo (ex.: fósforo);
- maior tolerância aos fatores de estresse abiótico (ex.: seca); e
- melhoria da qualidade da forragem.

Os sistemas de integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF) podem contribuir para aumentar a resiliência e ampliar a gama de SE das pastagens. Tecnologias digitais podem ajudar técnicos e produtores nas tomadas de decisão no campo e contribuir para reduzir os riscos da atividade.

Precisamos redirecionar o debate, aproximar os públicos e analisar a questão da pecuária e das pastagens no Brasil de forma mais sistêmica. Mais do que isso, necessitamos identificar as questões econômicas, sociais e ambientais motivadoras das decisões atuais e buscar alternativas mais adequadas. Qual deve ser o futuro das pastagens no Brasil? As pastagens devem ser um elemento essencial e plenamente integrado à construção de um sistema agroalimentar mais sustentável. ■

1 Pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste, presidente do Comitê Gestor do Portfólio de Pastagens da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal e Pastagens da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

2 Pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste

3 Pesquisador da Embrapa Agrossilvipastoril

4 Pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária e presidente do Comitê Gestor do Portfólio de Mudanças Climáticas da Embrapa

5 Pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária



SHUTTERSTOCK